

# A MULHER NO IDIOMA: EFEITOS DE SILENCIAMENTO E RESISTÊNCIA

Dantielli Assumpção Garcia  
UNIOESTE/E-L@DIS-USP

**Resumo:** *Analisaremos neste texto, da perspectiva teórica da Análise de Discurso em articulação com a História das Ideias Linguísticas, como dicionários do século XVIII ao XX elaboraram definições aos sujeitos “homem” e “mulher” e estabilizaram sentidos, inscrevendo a mulher no espaço privado (do lar) e o homem no espaço público (da rua); e como o movimento Marcha das Vadias intenta reatualizar esses sentidos estabilizados nos instrumentos linguísticos, explicitando que a mulher pode ocupar outros lugares que não somente o lar.*

**Abstract:** *In this paper, from the theoretical perspective of Discourse Analysis in conjunction with the History of Linguistic Ideas, we examine how dictionaries from the 18th to the 20th centuries elaborated definitions for both “man” and “woman” and fixed meanings, situating the woman in the private space (of the house) and the man in the public space (of the street). We also analyze how The SlutWalk movement attempts to re-update those meanings fixed in linguistic instruments, demonstrating that women can occupy places other than that of the house.*

Neste trabalho, dividido em três momentos, analisaremos como diferentes dicionários (do século XVIII ao século XX) produzem um dizer sobre a mulher e como os sentidos estabilizados nesses instrumentos linguísticos são reatualizados e ressignificados no movimento *Marcha das Vadias*. Nessa ressignificação, a tentativa de inscrever a mulher em outras posições para além do lar e do meretrício.

Inicialmente, retomaremos o modo como a Análise de Discurso em articulação com a História das Ideias Linguísticas analisa o discurso lexicográfico, buscando questionar as evidências dos sentidos

estabilizados nos instrumentos linguísticos. Em seguida, analisaremos quatro dicionários do século XVIII ao XX e o modo como estes formulam um dizer sobre a mulher. Para que tal objetivo seja alcançado, pretendemos analisar como os verbetes “fêmea”, “macho”, “homem” e “mulher” são definidos nesses instrumentos linguísticos. Após isso, analisaremos uma campanha da Marcha das Vadias de Brasília, a qual busca ressignificar o termo “vadia”.

Iniciemos:

### **1. O dicionário lido discursivamente**

Consideramos o dicionário como um objeto discursivo (COLLINOT e MAZIÈRE, 1997; ORLANDI, 2002a, 2002b; NUNES, 1996, 2002, 2006) que estabelece uma relação entre a língua, o sujeito e a história na constituição do discurso lexicográfico. Conforme Orlandi (2002b, p. 103), “A lexicografia discursiva vê, nos dicionários, discursos. Desse modo, na escuta própria à análise de discurso, podemos ler os dicionários como processo de produção vinculado a uma determinada rede de memória diante da língua”. A leitura do dicionário questiona a evidência das definições e a imagem do dicionário como um objeto de consulta. Dessa maneira, ao ler-se a definição lexicográfica, podemos perceber o modo, o qual o lexicógrafo faz funcionar em sua obra, sócio-histórico-ideológico de conceber a língua e a sociedade.

Visto como um instrumento linguístico (AUROUX, 1992), o dicionário, assim como a gramática, é uma tecnologia que descreve e instrumentaliza uma língua, um dos pilares de nosso saber metalinguístico. Segundo Nunes (2006, p. 11), se por um lado, o dicionário tem uma “aura de ‘discurso do sério’”, de um espaço sem falhas e de uma definição modelar e estável, por outro, ele tem sua historicidade: ele se reproduz, se transforma, se renova e se atualiza. Dessa maneira, implica, ao considerarmos o dicionário como um discurso, em desestabilizar aquilo que aparece como certeza e explicitar os gestos de interpretação que subjazem às formulações dos verbetes. No gesto de compreensão do discurso lexicográfico: “O analista torna opacas as definições, expondo-se à materialidade dos textos dicionarísticos e trabalhando o princípio de que os sentidos e os enunciados definidores sempre podem ser outros” (NUNES, 2006, p. 11).

Ao analisarmos, portanto, discursivamente o enunciado definidor, concebido por Collinot (*apud* MAZIÈRE, 2008, p. 48) como um lugar em que se constrói e se pode mostrar o “como se diz” de uma sociedade, podemos perceber a historicidade dos sentidos e o modo como as significações não são aquelas que se singularizam em um texto tomado isoladamente, mas sim as que sedimentam e apresentam traços significativos de uma época.

A partir dessas considerações, passemos a análise dos instrumentos linguísticos, tentando compreender como os enunciados definidores significam os sujeitos “homem” e “mulher”, suas relações de subjetivação e dizem de uma época.

## 2. Do século XVIII ao XX: entre o mesmo e o diferente?

Para este trabalho, escolhemos quatro dicionários de língua portuguesa que ocupam lugar significativo na história da lexicografia portuguesa e brasileira. São eles:

- *Vocabulário Português e Latino*, de Raphael Bluteau (VPL, 1712-1728);
- *Dicionário da Língua Portuguesa*, de António de Moraes e Silva (DLP, 1789);
- *Dicionário da Língua Brasileira*, de Luiz Maria da Silva Pinto (DLB, 1832);
- *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1975).

O dicionário de Bluteau é um bilíngue português-latim em oito volumes e mais dois suplementos, que traz definições e comentários enciclopédicos em português e, ao final do verbete, equivalentes em latim. “É considerado por alguns o primeiro dicionário de língua portuguesa porque já traz as definições em português” (NUNES, 2006, p. 183). Já o Dicionário de Moraes é um monolíngue feito com base no dicionário de Bluteau, todavia, com definições concisas, sem os extensos comentários enciclopédicos que o último apresenta. O *Dicionário da Língua Brasileira* foi elaborado na cidade de Ouro Preto no ano de 1832, por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Província de Goiás, na Tipografia de Silva, cujo dono era o próprio

lexicógrafo. Esse dicionário constitui-se uma raridade bibliográfica havendo ainda poucos estudos em torno desse instrumento linguístico. Por fim, *O Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, lançado em 1975, foi resultado de um trabalho de mais de três décadas do lexicógrafo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e sua equipe. Esse dicionário é o monolíngue mais usado atualmente no Brasil.

É importante pontuar que há outros dicionários produzidos nesse período. No entanto, os que aqui serão trabalhados são importantes para a compreensão do processo de gramatização (AUROUX, 1992) da língua portuguesa/brasileira. O de Bluteau, como já apontamos, é considerado o primeiro dicionário de língua portuguesa; o de Moraes marca uma relação entre Brasil e Portugal, uma vez que seu autor é natural do Rio de Janeiro, ademais, a obra é afetada pelos ideais iluministas de concisão e clareza da linguagem; o de Silva Pinto é o primeiro a nomear a língua falada no Brasil de brasileira e tentar estabelecer as diferenças da língua brasileira da língua do colonizador; por fim, o Aurélio é o dicionário mais conhecido e usado no território brasileiro, apresentando versões impressa e online.

Ao trabalharmos com esses dicionários e com essa periodização que vai do século XVIII ao século XX, nossa finalidade é compreender como os sujeitos são definidos por esses instrumentos linguísticos. Como “homem” e “mulher” são significados em diferentes momentos históricos? Será que houve mudanças no modo de definir “homem” e “mulher” no passar dos séculos? Como os dicionários dizem do “homem” e da “mulher” quando esses sujeitos ocupam o espaço público e privado? São esses questionamentos que passamos agora a intentar compreender nas obras lexicográficas ao analisarmos os enunciados definidores.

A definição, na produção lexicográfica, ocupa um papel fundamental. Mazière (2008, p. 49) a esquematiza da seguinte maneira:

**N-entrada: N(Cabeça) (adj) (Particípio) (S. Prep.) (Rel.)  
(Circunstancial).**

A definição pode ser vista como uma paráfrase das unidades lexicais. Nela:

léxico e sintaxe estão articulados de um modo intrínseco. A definição como objeto lexicológico leva ao estudo do sintagma. Uma definição clássica consiste em um sintagma nominal mais ou menos estendido. Nele observamos o funcionamento da hiperonímia e o da determinação do hiperônimo, que conjuntamente constroem as chamadas significações gerais e específicas. Acrescente-se que, no discurso, léxico, sintaxe e enunciação estão intrinsecamente ligados de maneira que a descrição linguística considera a relação constitutiva entre língua, sujeito e história. Além disso, levando-se em conta a dimensão discursiva, o estudo do léxico está aliado à análise do complexo das formações discursivas em uma conjuntura, bem como à compreensão dos espaços de memória e dos campos lexicais a eles associados (NUNES, 2006, p. 157).

No trabalho com a definição, é possível perceber como os dicionários filiam-se a determinadas memórias sobre ser homem e mulher e selecionam sentidos e dizeres que comporão a obra lexicográfica. Pelo trabalho com o léxico, pelas escolhas dos nomes-cabeças, pelos hiperônimos, pelo uso de orações relativas e adjetivos, os verbetes vão estabilizando sentidos e constituindo uma memória sobre os sujeitos que ainda ecoa, como veremos, no século XX/XXI.

Iniciemos com a definição do verbete “fêmea” para percebermos como os dicionários formulam e sustentam sentidos que dizem sobre a mulher e colam a essa uma imagem de fragilidade, fraqueza e animalidade:

**TABELA 1**

<i>Vocabulário Português e Latino – VPL (1712-1728)</i>	<i>Dicionário da Língua Portuguesa – DLP (1789)</i>	<i>Dicionário da Língua Brasileira – DLB (1832)</i>	<i>Dicionário Aurélio (1975)<sup>1</sup></i>
<p>FEMEA. Fémea. A criatura correlativa do macho, assi nos animaes como nos homens.</p> <p>FEMINIDADE. Fraqueza de molher. Fazer isto he feminidade. <i>Muliebris amimi est hoc facere.</i> Nao proseguir as difficuldadcs he <i>feminidade</i>. <i>Brachieleg.</i>, de Princepes, 251.</p>	<p>FÊMEA, s.f. mulher. <i>Flos Sant. p. XIV., esta prudentissima fêmea.</i>; <i>Ulisipo f. 9. y. perdoe Deus a minha mãe, que foi huma santã fêmea.</i> <i>Sousa v. de Suso.</i> § O animal do sexo feminino, de todas as classes de animaes v. g-. a <i>femea do pardal, do tigre, &amp;-c.</i> aquélla que pare, ou põe os ovos.</p> <p>FEMININIDADE, fraqueza, ou molieza feminil. <i>Brachiol.</i> 251., <i>não seguir as difficuldades he feminidade.</i></p>	<p>Femea s. f. Animal do sexo feminino que concebe e pare as crias, poe ovos, etc. Mulher femea da especie humana. Feminidade, s.f. Fraqueza feminil. Qualidade de femea.</p>	<p><b>fêmea</b></p> <p>Substantivo feminino.</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Qualquer animal do sexo feminino.</li> <li>2. Mulher (1).</li> <li>3. Restr. Mulher sensual.</li> <li>4. V. <i>concupina</i> (1).</li> <li>5. Deprec. Meretriz.</li> </ol>

No VPL, a definição coloca em funcionamento uma relação binária entre macho x fêmea, homem x animal. No 1º dicionário da Língua Portuguesa, não temos no enunciado definidor, como veremos nos outros dicionários, o uso do nome-cabeça “mulher”. Contudo, a relação homem-macho, mulher-fêmea será nesse dicionário

explicitada no verbete “machoa”, no qual esse instrumento linguístico explicita haver mulheres com “semblante” e “costumes” que parecem “macho antes que fêmea”.

**TABELA 2**

<i>Vocabulário Português e Latino – VPL (1712-1728)</i>
MACHÔA. Mulher machoa. Aquella que no semblante, & nos costumes antes parece macho, que femea. <i>Virago, inis. Fem.</i> Plauto diz: <i>Ancillavirago</i> . MACHAÔ. Mulher varonil. Mulher q tem acções de homem. <i>Virago, inis.Fem. Plaut.</i>

Indo para o verbete “homem macho”, temos a seguinte definição:

**TABELA 3**

<i>Vocabulário Português e Latino – VPL (1712-1728)</i>
Homem macho. Robusto. Vigoroso. Valeroso. <i>Homo fortis, strenuus.</i>

O que nos leva a pressupor ser a “mulher machoa” robusta, vigorosa, valerosa, qualidades que, como o dicionário coloca, não são atributos para as mulheres e o fato dessas a possuírem tornam-nas menos “femininas”, menos “fêmeas”, menos mulheres. Temos nesse 1º dicionário um dizer do que se espera da mulher “a fraqueza, não prosseguir nas dificuldades” (como vemos na definição de “feminidade”). Dizeres que são retomados nos outros dicionários. O DLP e o DLB também comparam a mulher ao “macho” em “machoa” e “machão”,

**TABELA 4**

<i>Dicionário da Língua Portuguesa – DLP (1789)</i>	<i>Dicionário da Língua Brasileira – DLB (1832)</i>
MACHOA, s.f. mulher forte, robusta, com animo, e corpo varonil, <i>t. chulo.</i>	Machoa, s.f. (T. baixo) V. Machão. Machão, s.m. ões. No plur. [T. baixo] Diz-se da mulher que em robustez, e nos modos he parecida com hum homem, e tem o desembaraço proprio dele.

mostrando que esta se comporta como homem, parecendo-se com um em virtude da robustez, força e ânimo, corpo varonil. Contudo, como indicam, esse é um termo baixo, chulo. Ser comparada a um homem é visto como um xingamento, uma característica depreciativa, pois essas características não são as que se esperam da mulher do século XVIII e XIX.

Mas voltemos ao verbete “fêmea”...

No DLP e no DLB, aparece também a questão do “parir”. O enunciado definidor aparece por meio de um N-Cabeça (adj) – Animal do sexo feminino – e uma oração relativa – que concebe e pare –, a qual retoma a palavra “animal” e diz sobre o parir “as crias” e “pôr ovos”. Na circularidade do verbete, temos que a mulher é fêmea e um animal que pare. No DLP, ao usar “aquela que pare”, o item retomado não é animal, mas sim, pelo funcionamento da concordância nominal, o Nome-Cabeça “mulher” e os diversos exemplos (fêmea do pardal, do tigre). As definições animalizam a mulher, colocando o “parir” como algo que provém da sua natureza como “animal”.

Nesses dicionários, a imagem que se tem da mulher é aquela que é frágil, que pare crias, que tem características de fêmea e é passiva. Diferentemente do “macho” que aparece como ativo, agente que fecunda a fêmea

**TABELA 5**

<i>Dicionário da Língua Portuguesa – DLP (1789)</i>	<i>Dicionário da Língua Brasileira – DLB (1832)</i>
MACHO, adj. Oposto a <i>fêmea</i> , o animal que a fecunda (...)	MACHO, (...) O animal que fecunda a fêmea.

Ao homem, a ação; à mulher, a passividade, a animalização. Por sua vez, indo para o século XX, o dicionário Aurélio atribui outra adjetivação à fêmea, à mulher: meretriz, concubina, mulher sensual (como podemos observar nas acepções 3, 4 e 5 do verbete “fêmea”).

Pela palavra-entrada “fêmea”, a mulher é definida como “animal” e como “meretriz”. Vejamos como é definida no verbete “mulher”.

No VPL, a definição de “mulher” ocupa quatro páginas do dicionário, explicitando a tendência enciclopédica da obra em apresentar definições longas, com exemplos, citações de textos históricos, literários, religiosos.



TABELA 6

**Vocabulário Português e Latino – VPL (1712-1728)**

MOLHER, ou mulher. Creatura racional do sexo feminino. Concebe dentro de si, & pare. Escreve Salamão, que entre mil homens achara hum bom, entre todas as mulheres nenhuma boa. Diphilo, famoso Architecto da Antiguidade, costumava dizer, que huma boa mulher, huma boa mula, huma boa cabra, erão as tres más beftas. Dizia Socrates, que huma mulher hermosa & bem comporta, era um altar, armado sobre hum monturo. *Ex Diog. Laertio*. Democrito, Philosopho de alta estatura, perguntado porque que razão casara com mulher pequenita respondeo: Do mal, o menor. (...) Molher casada. A molher he a coroa do seu marido, não he razão que lhe ponha na testa outro diadema. (...)

Nesse verbete, o lexicógrafo marca a variação morfológica pela qual a palavra passava no século XVIII, tendo as variantes “molher” e “mulher” (a qual, conforme o instrumento linguístico, é usada por Padre Antonio Vieira). Nessa definição, ressalta como caracterização a “racionalidade” da mulher. Todavia, se compararmos esse enunciado definidor como o do verbete “homem”:

TABELA 7

**Vocabulário Português e Latino – VPL (1712-1728)**

HOMEM. Criatura, que tem natureza humana, Animal racional, capaz da Graça Divina, & da Gloria eterna. Aos moços não menos, que aos velhos compete o nome de *Homem*, porque significa toda a especie em geral. No cap. 10. De Pymandro faz Trismegisto em breves palavras o mayor panegyrico do Homem, diz que he hum Deos terrestre, mortal, assim como Deos he hum homem celeste, imortal. Por isso disse Favorino, que no mundo não há cousa mayor, que o homem. Os Theologos lhe chamão *Omnis criatura*, porque he o epilogo de todas; & nesta conformidade lhe chama Aristoteles, Homem (quando o queremos distinguir da molher.) *Vir, I. Masc. De Os homens. O genero humano. Homines, ou mor tales.*

temos apagada a “natureza humana” da mulher, sua capacidade de “Graça Divina & Gloria Eterna”. Pelos exemplos usados (de filósofos,

historiadores, religiosos), a mulher é comparada à mula, à cabra, à besta, diferenciando-a da natureza humana do homem. Aqui, mais uma vez, o dicionário animaliza a mulher e a coloca como pecadora, como má, mesmo estando “sojeita ao domínio do homem” (VPL). O homem na definição é comparado a Deus sendo que “no mundo não há cousa mayor que o homem” (VPL).

O VPL marca que o item “homem” é usado para distinguir de mulher, não sendo, portanto, genérico (como se coloca em muitas gramáticas, por exemplo). Essa definição também pode ser observada no DLB em que se salienta o uso do item homem para fazer referência ao “indivíduo do sexo masculino”.

**TABELA 8**

<i>Dicionário da Língua Brasileira – DLB (1832)</i>
Homem, s.m. Animal dotado de corpo, e alma racional. Comumente se chama homem o individuo do genero humano do sexo masculino.

São os homens o gênero humano; as mulheres, o animalesco.

**TABELA 9**

<i>Dicionário da Língua Portuguesa – DLP (1789)</i>
HOMEM, s. m. indivíduo da especie humana, dotado de corpo orgânico, e alma racional immortal, capaz de aperfeiçoar as suas, faculdades por estudo, e observação, ou ensino.

Pelas locuções que esses instrumentos trazem (vejamos, por exemplo, o Dicionário Aurélio), o homem (homem de bem, homem de palavra, homem nobre, homem de pulso, homem da lei etc.) possui como qualidades: a bondade, a nobreza, a mocidade, a varonidade, a firmeza, a inteligência, a honra, a honestidade. O homem nesses dicionários é dotado de corpo, alma, racionalidade, imortalidade, capacidade de aperfeiçoamento.

**TABELA 10**

<i>Dicionário Aurélio (1975)</i>
Homem da lei. Magistrado, advogado, oficial de justiça.
Homem da rua. Homem do povo [Cf. <i>homem da rua</i> , s.m.].
Homem de ação. Indivíduo enérgico, ativo, expedito, diligente.

Homem de bem. Indivíduo honesto, honrado, probo.  
 Homem de espírito. Indivíduo de inteligência viva, engenhosa, sutil, espirituosa.  
 Homem de Estado. Estadista.  
 Homem de letras. Literato, intelectual.  
 Homem de negócios. Pessoa que trata de grandes negócios e/ou que tem importantes relações no comércio.  
 Homem de palavra. Indivíduo que cumpre o que diz ou promete.  
 Homem de pro. 1. Homem nobre. 2. Intelectual ou artista.  
 Homem de pulso. Homem enérgico, firme.  
 Homem de sete instrumentos. Indivíduo capaz de executar diferentes atividades profissionais, artísticas, culturais, etc.  
 Homem do mundo. Homem da sociedade.  
 Homem do povo. Indivíduo considerado como representativo dos interesses e opiniões do homem comum; homem da rua. (...)

Diferentemente de “mulher” que somente é caracteriza como “mulher casada” pertencente ao marido. No DLP e no DLB, não aparece a questão do matrimônio, mas a locução “mulher do mundo” que é sinônimo de “meretriz”.

TABELA 11

<i>Dicionário da Língua Portuguesa – DLP (1789)</i>	<i>Dicionário da Língua Brasileira – DLB (1832)</i>
MULHER, s.f. femea da especie humana. § <i>Matrona</i> , oposto a <i>marido</i> . § ___ <i>do mundo</i> , meretriz.	Mulher, s.f. Femea da espécie humana. <i>Mulher do mundo</i> , meretriz.

Os dicionários não atribuem à mulher as características de inteligência, honra, honestidade. Esta é somente a fêmea e a meretriz. Sentidos esses que são mantidos e circulam nos grandes dicionários do século XX e XXI. Observemos as inúmeras locuções que o Dicionário Aurélio traz e que funcionam como sinônimo de meretriz.

TABELA 12

<i>Dicionário Aurélio (1975)</i>
mulher-dama Substantivo feminino. 1. Bras. N.E. MG Pop. Meretriz mulher da rótula

Substantivo feminino.

1. Bras. Pop. Deprec. Meretriz. [Pl.: *mulheres da rótula.*]  
mulher da rua

Substantivo feminino.

1. Bras. Pop. Deprec. Meretriz. [Pl.: *mulheres da rua.*]  
mulher da vida

Substantivo feminino.

1. Bras. Pop. Deprec. Meretriz. [Pl.: *mulheres da vida.*]  
mulher de amor

Substantivo feminino.

1. Bras. Pop. Deprec. Meretriz. [Pl.: *mulheres de amor.*]  
mulher de má nota

Substantivo feminino.

1. Bras. Pop. Deprec. Meretriz. [Pl.: *mulheres de má nota.*]  
mulher de ponta de rua

Substantivo feminino.

1. Bras. Pop. Deprec. Meretriz. [Pl.: *mulheres de ponta de rua.*]  
mulher do fandango

Substantivo feminino.

1. Bras. Pop. Deprec. Meretriz. [Pl.: *mulheres do fandango.*]  
mulher do mundo

Substantivo feminino.

1. Bras. Pop. Deprec. Meretriz. [Pl.: *mulheres do mundo.*]  
mulher do pala aberto

Substantivo feminino.

1. Bras. Pop. Deprec. Meretriz. [Pl.: *mulheres do pala aberto.*]  
mulher-errada

Substantivo feminino.

1. Bras. Deprec. Meretriz. [Pl.: *mulheres-erradas.*]  
mulher-perdida

Substantivo feminino.

1. Bras. Deprec. Meretriz. [Pl.: *mulheres-perdidas.*]  
mulher-perdida

Substantivo feminino.

1. Bras. Deprec. Meretriz. [Pl.: *mulheres-perdidas.*]  
mulher-vadia

Substantivo feminino.

1. Bras. Deprec. Meretriz. [Pl.: *mulheres-vadias.*]

Nesse instrumento, a mulher só pode ocupar um lugar: o lar e, nesse, é dotada de qualidades e sentidos femininos (carinho, compreensão, dedicação ao lar e à família, intuição).

**TABELA 13**

*Dicionário Aurélio (1975)*

(...)

5. Mulher (1) dotada das chamadas qualidades e sentimentos femininos (carinho, compreensão, dedicação ao lar e à família, intuição).

(...)

7. Cônjuge do sexo feminino; a mulher (1) em relação ao marido; esposa. Ser como a mulher de César. Ser mulher de reputação inatacável.

Se a mulher ocupar a rua, é para o meretrício. Diferentemente do homem que pode ser magistrado, advogado, estadista, intelectual, do povo, enérgico, ativo, honesto, honrado, inteligente, nobre.

Com base nos verbetes analisados, podemos notar o lugar da mulher na sociedade: ou esposa (do lar)/mãe (casada) ou meretriz. Os dicionários silenciam outros dizeres sobre a mulher que a colocam para além do lar e da prostituição. Os instrumentos linguísticos estabilizam sentidos que acabam por marcar uma violência, pela língua, contra a mulher. Nos dicionários, há uma tendência em opor o espaço privado e o espaço público na constituição das posições de dona de casa, da mulher casada e de prostituta. No espaço privado, estaria a posição de dona de casa e, conseqüentemente, a construção da imagem de uma mulher que cuida de sua família, que assume obrigações domésticas, ou seja, que, de uma forma ou de outra, garantiria o bem-estar e a ordem no ambiente familiar. Uma ordem, portanto, que se caracteriza pela posição histórica da “mãe de família”, da “mulher casada”, de “reputação inatacável”. Já no espaço público, do mundo, estaria a posição de prostituta e a imagem de uma mulher perniciososa, que é desprestigiada socialmente pela sua atividade social e que, ao contrário, contribuiria para a desarticulação de uma possível ordem familiar. Os dicionários produzem, assim, um efeito de transparência e objetividade como se os sentidos só fossem aqueles que estão ali contemplados. Porém, os sentidos podem ser outros e são

esses outros sentidos que os movimentos atuais de mulheres tentam fazer circular na sociedade. Um desses movimentos é a Marcha das Vadias.

### 3. A Marcha das Vadias: algumas definições

A Marcha das Vadias surgiu a partir de um episódio ocorrido em janeiro de 2011, quando o policial canadense Michael Sanguinetti, em uma palestra na Universidade de Toronto, recomendou que “as mulheres evitassem se vestirem como putas para não serem vítimas de estupro”. Como reação a sua fala, em abril do mesmo ano, cerca de três mil canadenses saíram às ruas para protestar na primeira *SlutWalk*, a Marcha das Putas, ou na tradução adotada no Brasil, a Marcha das Vadias. As manifestações da Marcha das Vadias espalharam-se pelo mundo e ocorreram também em diversas cidades brasileiras.

Nesta parte de nosso trabalho, retomaremos uma análise que fizemos de uma campanha produzida pela Marcha das Vadias de Brasília no ano de 2013 (GARCIA, SOUSA, 2014). Nessa, a Marcha das Vadias buscou definir os sentidos de vadia, não os filiando aos já estabilizados nos dicionários de “meretriz”.



Imagem 1: Definição de Vadia

Vadia. [substantivo, feminino, singular]:

Aquela que não  
aceita ser julgada  
pela violência  
que sofre.

#pelofimdaviolência

Marcha das Vadias DF

Imagem 2: Definição de Vadia

Vadia. [substantivo, feminino, singular]:

Aquela que  
manda bem em  
matemática.

#pelofimdomachismo

Marcha das Vadias DF

Imagem 3: Definição de Vadia



Imagem 4: Definição de Vadia



Imagem 5: Definição de Vadia

A campanha estrutura-se como uma definição lexicográfica, trazendo marcações gramaticais (substantivo, feminino, singular), além de apresentar a definição por meio de uma oração relativa restritiva, o que caracteriza não serem todas as mulheres vadias, mas somente aquelas que não aceitam julgamentos, que ocupam espaços de poder. Ao definir o que é ser vadia, busca fazer com que haja uma identificação por parte das mulheres ao discurso que circula. Nessas definições, aparecem inúmeras formulações em relação a atitudes das mulheres que a sociedade enxerga como algo não pertinente a ela, tais como: ocupar espaços de poder, ser dona de seu corpo, ser mãe



solteira, entender de matemática, transar com quem e quando quiser, abortar. Ao definir, podemos ver a presença de um discurso outro que aponta para o comportamento esperado da mulher: não ocupar espaço de poder, não ser mãe solteira, não entender de matemática, não transar com quem e quando quiser, não abortar. A Marcha busca fundar uma outra discursividade que inscreverá as formulações sobre a mulher e, principalmente, sobre a mulher vadia.

Na campanha, há uma tentativa de definir, precisar o que é ser vadia, o que é ser mulher (diferenciando da definição dos dicionários que coloca a mulher vadia como meretriz, que ocupa somente o espaço da rua para se prostituir). Há na campanha uma exposição das lutas das mulheres por uma sociedade em que ela, mas também a transexual, a lésbica, a bissexual, a homossexual sejam respeitadas, sejam vistas como cidadãs vadias que lutam para que se reconheça a mulher para além do lar, do meretrício, para além do recato e da docilidade, para que reconheça a mulher na política, na universidade, por fim, na sociedade.

As definições elaboradas pela Marcha das Vadias contradizem os sentidos estabilizados desde o século XVIII às mulheres que, para terem uma “reputação inatacável”, têm que ser casadas, mães, dedicadas ao lar e à família. A Marcha das Vadias resiste a esses dizeres tão estabilizados na sociedade, produzindo um furo e mexendo com as formulações que estão em circulação no idioma e em seus instrumentos linguísticos.

### **Para concluir...**

Buscamos neste trabalho analisar como diferentes dicionários do século XVIII ao século XX definem “mulher” e “homem”, sustentando que o espaço da mulher é o lar, dedicada à família e ao esposo. Diferentemente do homem, o qual pode ocupar o espaço público como profissional, não do sexo, como a mulher (meretriz). As definições, como pudemos observar, tendem à paráfrase, filiando-se às mesmas regiões de sentido, nas quais o homem pode ocupar diferentes profissões, diferentes espaços; enquanto a mulher deve permanecer no lar, dedicando-se à família e ao marido. Apesar da passagem dos séculos (do XVIII ao XX), os dicionários não atualizaram suas definições, apagando diversas lutas e conquistas das mulheres. Assim, silenciando sentidos sobre a mulher, os dicionários a encarceraram no

espaço privado do lar, do matrimônio. Todavia, os movimentos de mulheres atuais, como o da Marcha das Vadias, fazem resistências e intentam reatualizar esses sentidos e ressignificar as posições que a mulher pode ocupar na sociedade do século XXI para além das paredes do lar.

### Referências Bibliográficas

- AUROUX S. (1992). *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad.: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp.
- \_\_\_\_\_; MAZIÈRE F.; ORLANDI E. P. (1998). “L’hyperlangue brésilienne”. In: *Languages*, 130. Paris: Larousse.
- COLLINOT, A.; MAZIÈRE, F. (1997). *Un prêt à parler: le dictionnaire*. Paris: Presses Universitaires de France.
- GARCIA, D. A.; SOUSA, L. M. A. E. (2014). “A Marcha das Vadias nas redes sociais: um discurso da militância?”. In: *Estudos Linguísticos*, v. 43, p. 1041-1055. São Paulo: Grupo de Estudos Linguísticos.
- MAZIÈRE, F. (2008). “O enunciado definidor: discurso e sintaxe”. In: GUIMARÃES, E. (Org.). *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes.
- NUNES J. H. (1996). *Discurso e instrumentos lingüísticos no Brasil: dos relatos de viajantes aos primeiros dicionários*. Campinas. Tese. Doutorado em Linguística. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- \_\_\_\_\_; PETTER, M. (Orgs.). (2002). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanistas; Campinas: Pontes.
- \_\_\_\_\_. (2006). *Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX*. Campinas, São Paulo, São José do Rio Preto: Pontes, Fapesp, Faperp.
- ORLANDI, E.P. (Org.). (2001). *História das idéias lingüísticas: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional*. Campinas: Pontes; Cáceres: Unemat, 2001.
- \_\_\_\_\_. (2002a). *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.
- \_\_\_\_\_. (2002b). *Língua e Conhecimento Lingüístico*. Campinas: Pontes.

**Palavras-chave:** mulher, homem, dicionários, Marcha das Vadias.

**Keywords:** woman, man, dictionaries, The SlutWalk.

**Notas**

<sup>1</sup>Fizemos um recorte das definições, focando somente as acepções que se referem aos sujeitos “homem” e “mulher”.